

- GEERTZ, C. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- LAMÓNACA, R. Los encuentros entre lo sano, lo natural y lo religioso. *Revista Horizontes Antropológicos: comida*. v. 2, n. 4: p. 85-93. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1996.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1992.
- LESSA, R. S.; SCHEFFEL, R. M. (Eds.) *Nisto Cremos: 27 ensinios bíblicos dos adventistas do sétimo dia*. Tatuí, SP: CPB, 1989.
- MAUÉS, R. H.; MOTTA-MAUÉS, M. A. O modelo da 'reima': representações alimentares em uma comunidade amazônica. *Anuário Antropológico*. Brasília, v. 77, 1978.
- MOTTA-MAUÉS, M. A.; MAUÉS R. H. *O Folklore da alimentação: tabus alimentares da Amazônia - Um estudo de caso numa população de pescadores do litoral paraense*. Belém: Falangola, 1980.
- PAULA, A. R. V. de. A Comida e o Sagrado. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPÓLOGOS, 23., 2002. Gramado, RS, *Caderno de resumos...* Gramado, RS, 2002.
- SEAMAN, J. *Quem são os Adventistas do Sétimo Dia?* Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- SILVA, M. V. da. *Verdade sobre o sábado*. Curitiba: A.D. Santos Editora, 2000.
- TURNER, V. *O Processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1989
- WHITE, E. G. *Vida no Campo: um auxílio para a segurança moral e social*. Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira, 1991.
- _____. *A Ciência do bom viver*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

A TRANSGRESSÃO DE LIMITES NOS LIMITES DA LINGUAGEM

Ricardo Pimentel Mélo

Departamento de Psicologia Social e Escolar/UFGA

Os cantos proibidos do Marquês de Sade. Direção de Phillip Kaufman. Intérpretes: Geoffrey Rush, Kate Winslet, Joaquim Phoenix, Michael Caine. EUA: Fox Searchlight Pictures, 2000. 1 DVD (124 min.).

As reflexões que me proponho a fazer têm relação direta com os estudos a que venho me dedicando nos últimos seis anos: as práticas discursivas. O título foi inspirado em um artigo publicado pelo filósofo Peter Pelbart, em janeiro de 2000, comentando a obra *Foucault, a filosofia e a literatura*, escrita pelo também filósofo Roberto Machado. Mas, antes de começar o tema propriamente dito, vou contar, um pouco, a história de Sade.¹

Sade nasceu na cidade de Paris, em 02 de junho de 1740 (263 anos atrás), filho de um conde considerado "devasso" e mãe "indiferente" (CLEMENTS, 2002). Aos cinco anos, foi enviado para ser "educado" por seu tio, o "infame degenerado" Abbe de Sade, e depois, aos jesuítas (Ibid.). Morreu em 1814, aos 74 anos, em um asilo psiquiátrico francês. O seu último pedido, ter um túmulo sem nome em um cemitério rural para que todos os seus traços desaparecessem da face da terra, não foi respeitado pelo seu filho, que se incumbiu de todos os rituais católicos apostólicos romanos, enterrando seu pai no cemitério do asilo sob uma cruz. Nem mesmo depois de morto, o seu corpo teve sossego: anos depois, foi desenterrado e seu crânio levado por um médico para estudos.

Em 1763, Sade casou-se com Renée-Pélagie Cordeir, com quem teve dois filhos e uma filha. Nesse mesmo ano, foi preso pela primeira vez, por 15 dias, por libertinagem em uma casa de prostituição. Separou-se em 1790, ano em que se uniu a uma jovem atriz, Marie Constnace Quesnet, que o acompanhou até a sua morte. A maior parte de sua vida passou encarcerado, acusado de cometer crimes sexuais, blasfêmia, pornografia, deboche e flagelo. Mas, todas essas acusações são agrupadas

¹ A maioria das informações foi colhida no "Posfácio" de Augusto Borges e na "Cronologia", publicados na edição de *A filosofia na altura* (1999) e, também, nos comentários de Eliane Robert Moraes (1992).

em um único adjetivo: libertino. Ele mesmo caracteriza o que escreve como “gênero de libertinagem” (MORAES, 1992, p. 11). Trata-se de uma rebeldia libertina que tem uma longa linhagem de autores no movimento literário francês a partir do século XVI, com maior visibilidade no séc XVII (p. 14-15). Mas, o que significa a libertinagem proposta por Sade?

Deixo essa pergunta em suspenso para retomá-la mais adiante. No momento, farei um retorno ao tema central proposto no título.

O artigo de Pelbart, citado no início, refere-se à linguagem que, ao mesmo tempo, permite transpor e impor limites. Por exemplo, quando Foucault se dedicou a estudar a loucura, mostrou-nos, como apontam Machado e Pelbart, que essa experiência, caracterizada a partir de determinado momento histórico como desarrazoada, “é primordialmente um fenômeno da linguagem. Ou seja, é transgressão dos limites impostos à linguagem” (PELBART, 2000, p. 22). Em outras palavras, quando as experiências humanas transpõem o instituído e o naturalizado, quando transpõem e agridem o que vinha sendo constituído como práticas ou modos de ser consentidos pela cultura e pela linguagem hegemônica, as experiências humanas passam a ser caracterizadas como práticas libertinas e/ou transgressoras.

Dessa forma, podemos dizer que os nossos modos de ser nada mais são do que práticas institucionalizadas, tendo como locus privilegiado a linguagem que, por si mesma, já é uma instituição. O ato de nomear é muito mais que palavra descritiva, pois cria práticas e também censura:

[...] nenhuma construção discursiva pode ser tratada como se fosse discurso autônomo, desvinculado de uma cotidianidade humana que é tão diversificada quanto a possibilidade de existirem saberes sobre determinado acontecimento (MELLO, 2002, p. 16).

A linguagem nos familiariza e torna comuns os nossos modos de ser. Os nossos modos de ser, portanto, podem ser considerados como *práticas discursivas*.

E o que nos propõe o Marquês de Sade?

O filme nos dá a possibilidade de visualizar a proposta de Sade. Destarte, quase que entramos na tela, nas suas alegrias e, especialmente, nas suas dores provocadas pelos que se contrapõem, mesmo que cinicamente, a ele. Diante de todos, o Marquês propõe um modo de ser

libertino, mostrando-nos que esse modo de ser não é de todo impossível e que se realiza de algum modo. Sua literatura chega a ser espelho de mundo, que os virtuosos tendem a negar existência ou a permiti-la, desde que seja realizada a portas fechadas. Assim, sexo só no quarto do ambiente familiar ou no máximo em seu protótipo, como nos motéis, que reproduzem o ambiente familiar (não esquecem nem a tv).

Seus argumentos — e ele nunca parou de argumentar — tocam em todas controvérsias atuais: liberdade pessoal, privacidade, violência, abuso, incesto, aborto, poluição, classe, dinheiro, privilégio, corrupção de instituições, ausência de Deus, o papel da natureza e o dilema sexual. Além dessas categorias, o trabalho criativo de Sade revela o que há de primitivo na humanidade: ódio, ira, avareza, ambição, desejo insaciável, gula, fascinação com o desperdício, compulsão furiosa de lacerar, cortar, violar, aniquilar, saquear — e vastos sistemas de idéias construídos para justificar sua expressão (CLEMENTS, 2002).

Libertino é uma qualificação que poucos gostariam de ter em função de seu sentido pejorativo que pode desaguar em conseqüências práticas sobre os considerados libertinos, a saber: isolamento social, perda de emprego, prisão, bens seqüestrados, solidão. Um libertino entra em conflito, especialmente, com autoridades eclesiais e governamentais. Não é pouco, não é mesmo? Apenas por essas conseqüências e embates, já poderíamos verificar uma grande diferença se relacionarmos os “libertinos” aos chamados “revolucionários” que, muitas vezes, chegam a granjear a simpatia de alguns setores eclesiais e até governamentais.

No séc. XVI, o vocábulo libertino estava mais relacionado a um desrespeito às crenças e/ou práticas religiosas; enquanto que no séc. XVIII, já se referia ao desrespeito à moral e à sexualidade (MORAES 1992, p. 19).

Dito de outro modo, o que nos propõe o Marquês de Sade é a transgressão dos limites de determinadas práticas discursivas que atravessaram séculos até os nossos dias. Por conta disso, é caracterizado como um libertino ou um transgressor dos costumes. As palavras “libertino” e “transgressor” também inscrevem práticas no campo da linguagem. Assim, denominar alguém “libertino” ou “transgressor”, queiramos ou não, é impor limites. Para alguns, essas palavras favorecem tamanha reprimenda, que não lhes permite cogitar qualquer proximidade

com quem quer que seja assim caracterizado. Por outro lado, para outros, essas palavras podem proporcionar uma abertura tal que os mobiliza a ver um filme e a participar de um debate, mesmo que não tenham tido consciência dessa mobilização.

A transgressão nos mobiliza, em outras palavras, nos seduz, porque nos coloca diante do inesgotável campo do possível; diante de um fora; diante de um mais além; diante de um convidativo horizonte, como diversos personagens do filme que ao entrarem em contato com a obra de Sade, manifestavam ojeriza, mas pediam para que a leitura continuasse, ou não afastavam seus ouvidos dela. Nesse momento de sedução, podemos nos sensibilizar para a crueldade e o imperioso gozo da destruição insaciável, como fazem Bush, Blair, Bin Laden, Sadam e diversas outras manifestações planetárias capitalistas, com suas propostas de consumir corpos, objetos e a natureza a qualquer custo ou ao custo do imperativo do gozo. Em contrapartida, nós também podemos nos sensibilizar a outras novas possibilidades, sem a ilusão de que elas não estejam inscritas na linguagem e de que essas possibilidades não terão limites. Que tenhamos bem claro que este limite seja a realização do prazer, sem a negação do outro.

Ao nos depararmos com os modos de ser de pessoas como o Marquês de Sade, Foucault, Nietzsche, Freud, Bataille, Ítalo Calvino, Baudelaire, Cazuza, Caio Abreu, Renato Russo ou com “legiões urbanas” sem fama (os chamados in-fames), que são, diversificadamente, legiões libertinas, que cada um de nós avale,

[...] à luz de seus saltos estratégicos, o quanto as exterioridades imanentes de que dispomos — e que eles mesmos nos fizeram ver — são capazes de ancorar nossa resistência ao intolerável ou favorecer a criação de novos possíveis. (PELBART 2000, p. 23).

Ao nosso redor estão inúmeros desses “humanos demasiado humanos” que, como Sade, por meio de práticas discursivas, favorecem a exposição de nossos desejos. Basta olhar ao redor, com os olhos de uma paixão sem a dor de tanta culpa. Como dizia Nietzsche (1976): “para arrancar da consciência a dor [...], é necessária uma paixão das mais selvagens, e um pretexto para a excitar”.

Com a palavra, os transgressores da dor e os libertinos da paixão.

REFERÊNCIAS

- BORGES, A. C. A revolução da palavra libertina. Posfácio. In: SADE, Marquês de. *A filosofia na alcova*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- CLEMENTS, M. Sade: um homem de todos os séculos e todos os pecados. Texto originalmente publicado no *The New York Times*, traduzido por Deborah Weinberg, veiculado no domínio do UOL, colhido em 21/4/2002, às 23h21min.
- MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- MÉLLO, R. P. *Do estranhamento à familiaridade: estratégias e contradições na construção da noção de “abuso sexual intrafamiliar”*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002. 248 p.
- MORAES, E. R. *Marques de Sade: um libertino no salão dos filósofos*. São Paulo: EDUC, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. Lisboa: Guimarães & Ca. Editores, 1976, p.44.
- PELBART, P. P. Os limites da transgressão. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 jan. 2000. Caderno Mais, p. 22-23.
- SADE, M. de. *A filosofia na alcova*. Salvador: Âlga, 1995.
- . *A filosofia na alcova*. São Paulo: Iluminuras, 1999.